

Por uma literatura antirracista: uma análise dos contos “no seu pescoço” e “os casamenteiros” de Chimamanda Ngozi Adichie

*For an anti-racist literature: an analysis of the stories “around your neck” and “the
matchmakers” by Chimamanda Ngozi Adichie*

Diane Xavier De Sousa*
Universidade Estadual do Ceará
Quixadá, Ceará, Brasil

Marco Antônio Lima do Bonfim**
Universidade Estadual do Ceará
Quixadá, Ceará, Brasil

Maria do Socorro Pinheiro***
Universidade Estadual do Ceará
Quixadá, Ceará, Brasil

Resumo: No livro de contos intitulado *No seu pescoço* (2017), a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie apresenta narrativas que abordam diversos problemas sociais, entre eles destacam-se a desigualdade de gênero, de classe, o racismo e a diáspora, temas que se entrelaçam ao longo dos contos compondo assim personagens plurais. Teremos como principal foco, a análise da representação feminina, visto que a mulher negra é duplamente marcada por opressões raciais e de gênero, dessa forma nos propomos a investigar como a escritora produziu personagens femininas que rompem com os estereótipos da mulher negra comumente retratados na literatura. Temos, como corpus de análise os contos “casamenteiros” e “no seu pescoço”. Para essa análise utilizaremos como embasamento teórico a crítica literária feminista de teóricas como Zolin (2009) Duarte (2003) Sholwalter (1994) e Spivak (2010) acrescentando também o pensamento de filosofas e teóricas sobre o feminismo negro como Djamila Ribeiro (2018) Carla Akotirene (2019) e Grada Kilomba (2020). Através dessa pesquisa buscamos ouvir as vozes das mulheres negras construídas a partir das vivências e locais de fala dessas mulheres, ampliando assim a multiplicidade de representações. Através dessa pesquisa foi possível concluir que os contos produzidos por Adichie suscita a reflexão sobre o racismo estrutural ao questionar e explorar situações comuns e cotidianas que geralmente apresentam o racismo de forma naturalizada, dessa forma os contos além de valorizarem a cultura africana, fornecem representatividade cultural e identitária contribuindo assim para a luta antirracista por meio dessa arma tão potente que é a literatura.

Palavras-chave: Mulheres Negras. Feminismo. Literatura Antirracista. Contos. Adichie.

Abstract: In the book of short stories *around on your neck* (2017), a Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie presents narratives that address several social problems, among them highlighted as gender inequality, class, racism and diaspora, themes that intertwine throughout the stories, composing this way plural characters. We will consider as main focus of analysis the feminine representation, in view of the black woman is doubly marked by racial and gender oppressions, in this way we propose to investigate how a female writer produced female characters that breaks with the stereotypes of the black woman commonly portrayed in the literature. We have like corpus of analysis the tales “matchmakers” and “around your neck”. For this analysis, we will use the feminist literary criticism of theories as Zolin (2009) Duarte (2003) Sholwalter (1994) and Spivak (2010) as

* Aluna do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: diane.xavier@aluno.uece.br.

** Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará e professor colaborador da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: marco.bonfim@uece.br.

*** Doutora em Literatura e Interculturalidade e professora da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: socorro.pinheiro@uece.br.

a theoretical basis, adding also the thinking of philosophers and theories about black feminism like Djamilia Ribeiro (2018) Carla Akotirene (2019) and Grada Kilomba (2020). Through this research, we seek to hear as voices of black women constructed from the experiences and places of speech of these women, thus expanding a multiplicity of representations. Through this research it was possible to conclude that the short stories produced by Adichie raises the reflection on structural racism when questioning and exploring common and everyday situations that usually present racism in a naturalized way, thus the tales in addition to valuing African culture, provide cultural representativeness and identity, thus contributing to the anti-racist struggle through this weapon so powerful that it is literature.

Keywords: Black Women. Feminism. Anti-racist literature. Tales. Adichie

1 INTRODUÇÃO

As literaturas de origem africanas vêm ganhando destaque nos últimos anos, isso acontece devido a um movimento de pesquisadores e estudiosos que não se contentam em ouvir apenas a voz das pessoas privilegiadas que produzem uma história “universal”, ou seja, percebe-se um interesse em ver a história construída pelos de baixo, pelo olhar dos grupos marginalizados que com suas histórias, experiências e peculiaridades, promovem a pluralidade de informações e representações, abrir espaço para que os sujeitos subalternizados falem é o principal objetivo de linhas de pesquisa como os Estudos culturais, a Crítica Pós-colonial e a Crítica literária feminista e, apesar de passarmos por essas 3 linhas de pesquisa, adentraremos a última.

Ao questionar o cânone literário, que se trata da lista dos livros considerados os melhores e mais importantes para a humanidade, foi possível perceber que essa lista é comumente formada por homens brancos, heterossexuais e europeus, isso não é uma coincidência. Na verdade, essa “lista” é formulada através de interesses e atendem aos grupos dominantes que fazem parte de um local privilegiado na sociedade, enquanto os grupos de pessoas que são postas à margem, como as mulheres, os negros, os LGBTQIA+, os indígenas, os pobres, entre outros, não integram esse “cânone”, não por não terem qualidade ou boas obras produzidas, mas por não fazerem parte dos grupos privilegiados. Assim, eles enfrentaram e ainda enfrentam, dificuldades para serem valorizados intelectualmente.

O acesso às histórias dos povos africanos, produzidas por eles através de suas vivências, contribui para termos uma pluralidade de representações e assim fugir do perigo de uma história única, coisa que a própria escritora Chimamanda, na sua palestra a TED (2009) nos alerta, pois as histórias únicas limitam as pessoas a uma única realidade. Pois, na maioria das vezes, de tanto ouvirmos uma única história ela passa a formar um estereótipo e o grande problema do estereótipo não é que ele seja uma mentira, mas é porque é algo incompleto, ou seja, quando temos a ideia do continente Africano como um local homogêneo, no qual está sempre representado pela fome e pela miséria, mesmo que existam esses problemas, impossibilita que as pessoas vejam as outras faces e valorizem as particularidades dos povos.

Isso também acontece com a literatura de autoria feminina, pois ao vermos mulheres criando suas próprias histórias, construindo personagens e eu-líricos múltiplos quebra os estereótipos comumente representados na literatura, permitindo assim que tenhamos acesso as diversas identidades do que é ser mulher, já que essa não é uma

categoria fechada, pois varia com as vivências, locais e subjetividades de cada uma. Spivak (2010), na obra *Pode o subalterno falar?*, defende que há sempre alguém disposto a falar pelo subalterno, e isso, silencia essas pessoas, confirmando ainda mais esse local de subalternidade. Portanto, é necessário ouvir os grupos marginalizados. Ao ouvir a voz de Chimamanda, damos espaço para que as mulheres negras falem de suas experiências, problemas e dificuldades, assumindo, assim, seu local de fala e, conseqüentemente, empoderando-se¹.

Os contos de Chimamanda oferecem reflexões sobre colonialismo, gênero, raça, entre outros temas, mas, apesar de nos atentarmos à representação feminina, abordaremos outros problemas e tipos de representações. Não objetivamos hierarquizar as opressões, mas, como os sujeitos estão expostos simultaneamente a mais de um tipo de opressão, torna-se impossível analisar essas questões de forma isolada. Dessa forma, devemos pensar as personagens femininas analisadas nesse trabalho, levando em consideração o fato de serem mulheres, negras, pobres e imigrantes sujeitos que estão vulneráveis às diversas situações.

No seu pescoço (*The Thing Around Your Neck*), primeira coletânea de contos da autora, foi publicada em 2009, possuindo 12 contos, e nele Adichie adentra esse universo, a partir de narrativas curtas, mas que, de certo modo, se entrecruzam. A escritora trabalha diversas temáticas e elementos da sua cultura, como nomes, comidas e palavras do Igbo², também chama atenção por, em alguns contos, narrar em segunda pessoa: seus personagens são profissionais liberais, estudantes, professores universitários, mulheres de homens poderosos, empregadas domésticas, prevalecendo o protagonismo de mulheres nigerianas.

É característica da escritora mostrar um olhar plural sobre o continente africano, contribuindo assim para de forma crítica quebrar os estereótipos e conceitos pré-determinados sobre sua cultura e seu povo. Quanto à estrutura do trabalho, inicialmente abordaremos algumas informações sobre a escritora e sua produção, com o intuito de oferecer uma melhor compreensão e contextualização sobre os contos. Em seguida, falaremos sobre a crítica literária feminista, acrescentando considerações do feminismo negro, seguindo de uma leitura interpretativa, buscando investigar a representação feminina no *corpus* de análise. Por fim, teceremos as considerações finais e as referências.

2 ADICHIE, SUA TRAGETÓRIA E PRINCIPAIS OBRAS

¹ Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento, sobre a sua condição social e política e, por sua, vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de suas características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmas ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade (BERTH, 2019 p. 18).

² É um dos maiores grupos étnicos africanos, povo originário da região sudeste da Nigéria.

Chimamanda, nasceu em Enugu na Nigéria, em 1977. Compoendo uma família igbo, de seis irmãos, cresceu na cidade Nsukka, cursou 1 ano e meio no curso de medicina na Universidade da Nigéria, local onde trabalhavam seus pais. Seu pai é professor de estatística e a mãe administradora, e, apesar de pertencer a classe média, a escritora conta que sua infância transcorreu durante os governos militares que “desvalorizavam a educação”, que deixavam seus pais muitas vezes sem salário e a faculdade em infundáveis greves.

Devido a essas dificuldades para o acesso ao ensino, a escritora se muda para os Estados Unidos onde concluiu, em 2001, a graduação em Comunicação e Ciência Política na Universidade de Connecticut. Em 2003, finaliza o mestrado em escrita criativa na Universidade John Hopkins, de Baltimore, e, em 2008, concluiu o segundo mestrado em estudos africanos na Universidade Yale, organizando, desde então, sua rotina entre os dois países: Nigéria e Estados Unidos.

Chimamanda Ngozi Adichie é, atualmente, uma das principais vozes da literatura africana, suas obras foram bastante premiadas e traduzidas para mais de 30 idiomas. A autora estreou na ficção com a coletânea de poemas *Decisions* (1997) e uma peça teatral intitulada *For Love of Biafra*, em 1998. Entretanto, passa a ser reconhecida com a publicação do romance *Purple Hibiscus* (*Hibisco roxo*), em 2003, que venceu o Prêmio *Commonwealth Writers* e o *Hurston/Wright Legacy Award*. Seu romance *Half of a yellow sun* (*Meio sol amarelo*), publicado em 2006, tem como temática a guerra do Biafra (guerra civil na Nigéria). Este último recebeu o *Orange B. Prize for Fiction* (2007) e foi adaptado para o cinema, com direção de Biyi Bandele, em 2013. Seu romance *Americanah* (2013) também foi premiado com o *Chicago Tribune Heartland Prize* no mesmo ano.

A escritora também se destacou em suas palestras proferida no TED Talks, organização ligada à fundação *Sapling*, dos Estados Unidos, cujo *slogan* é “ideias que merecem ser disseminadas”. Sua primeira palestra, apresentada em 2009, intitula-se “O perigo de uma história única”, que nos alerta sobre os rótulos que são criados quando temos acesso a uma única narrativa. A outra palestra, igualmente importante, foi “Sejamos todos feministas”, em 2012, na qual a escritora chama atenção de forma bem-humorada para os problemas relacionados ao gênero, a partir da sua experiência como mulher negra, mostrando que as mulheres ainda enfrentam desafios, apenas por serem mulheres, e que mudar essa situação é de interesse de ambos os gêneros. As duas falas viraram livros e foram publicadas, inclusive, trechos do *Sejamos todos feministas* foram utilizados na composição da música *Flawless*, da cantora negra norte-americana Beyoncé.

3 A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA E OS FEMINISMOS PLURAIS

A crítica literária feminista difere da crítica tradicional porque propõe um modelo de análise literária que leva em consideração o gênero da autoria das obras, assim como o gênero dos leitores, dando ênfase às questões relativas ao papel das mulheres, tanto na emissão como na recepção dos textos.

A crítica literária feminista é profundamente política na medida em que trabalha no sentido de interferir na ordem social. Trata-se de um modo de ler a literatura confessadamente

empenhado voltado para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas, ao longo do tempo pela cultura[...] despertar o senso crítico promover mudanças de mentalidade divulgar posturas críticas por parte dos escritores (as) em relação as convenções sociais que historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos (ZOLIN, 2009 p. 218).

É impossível fazer um trabalho sobre gênero que não seja político, pois cada pesquisa gera questionamentos que influenciam na forma como as pessoas se veem ou se relacionam em sociedade. Desse modo, ao estudar gênero, contribuimos para a quebra de estereótipos e comportamentos tidos como naturais às mulheres, que na verdade as oprimem e as silenciam. Essa linha de pesquisa pode ser dividida em dois momentos: o primeiro, dando ênfase a mulher como leitora; e o segundo, concentrando-se no papel da mulher como escritora. Utilizaremos o segundo como forma de análise.

Muitos críticos defendem a ideia de que uma análise literária feminista não tem nada a contribuir com as obras e que é apenas uma análise textual que, na maioria das vezes, apresenta um ponto de vista pessoal que buscava desmerecer a obra. Entretanto, o objetivo de analisar a importância de como as mulheres são mostradas nas obras corresponde a forma como elas estão relacionadas às questões históricas, sociais e culturais. Reduzir a produção feminina a lamentos é uma forma de silenciar e de desmerecer suas causas.

Segundo Zolin (2009), o texto literário se tornou uma preocupação, devido aos estereótipos disseminados pelos autores que formavam o “ideal”, que em tudo as mulheres deveriam ser submissas, dependentes, econômica e psicologicamente do homem, reduplicando o estereótipo patriarcal, fazendo com que as mulheres passassem a ser engendradas como sendo consciente de sua condição de inferioridade. Ainda hoje essa é uma forte arma contra o empoderamento feminino, pois essa romantização da submissão feminina propaga a ideia de que é necessário se sacrificar pelo amor, que manter um relacionamento é uma função dela, que ela pode ser ambiciosa, mas não muito.

As personagens femininas tradicionalmente construídas pelos autores são sempre representadas como a bela, a inocente, a prendada e a recatada, um “anjo do lar” ou como aquela sedutora, que manipula, que domina, “uma bruxa” capaz de enganar, de iludir, que persuade o homem a cometer pecados. Esses estereótipos se agravam ainda mais quando percebemos a representação das mulheres negras nas obras, pois, em decorrência do período de escravização, essas mulheres ficaram expostas a diversos tipos de violência, principalmente as sexuais, “o direito alegado pelos proprietários e seus agentes sobre os corpos das escravas era expressão direta do seu suposto direito de propriedade sobre pessoas negras como um todo. A licença para estuprar emanava da cruel dominação econômica” (DAVIS, 2016, p. 180) sem escolha, pois, se revidassem, eram torturadas ou mortas. Sem leis que as protegessem, as mulheres negras eram estupradas e ainda recebiam a culpa por esses abusos. As formas como as mulheres negras eram tratadas reverberavam na literatura e em outras manifestações culturais.

Todas essas personagens, a mulata apetitosa e estéril, a negra como um animal de carga e a mãe preta servil atendem ao desejo do imaginário patriarcal, embalam com rebolado ou

balanço de rede a leitura confortável do consumidor de mulheres, sobretudo o homem branco (VASCONCELOS, 2015, p. 139).

Ainda hoje é possível perceber nas mídias esses estereótipos atribuídos às mulheres negras, que ora são representadas como o burro de carga, masculinizada que tudo aguenta, ora como a mãe preta servil, ou ainda como a mulata indecente, sempre disponível ao sexo. Na televisão, por exemplo, as mulheres negras dificilmente recebem papéis de protagonistas, assim “não é com o sujeito negro que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser” (KILOMBA, 2020, p. 38). Ao destacar isso, percebemos que essa idealização das mulheres negras foi formada através do olhar do homem branco, disseminadas na literatura e no pensamento hegemônico, já que, por muito tempo, a literatura foi dominada por grupos privilegiados.

Sem ter o direito de falar por si só, os grupos minoritários foram retratados apenas como objetos, nunca como sujeitos protagonistas das próprias histórias, sempre definidos pelo olhar de outras pessoas, com o lugar de outridade. Pensando nisso, Showalter (1994) considera a segunda vertente da crítica literária feminista, que também é denominada *Ginocrítica*, como mais importante, pois trabalha com um campo mais delimitado e que traz maneiras de entender como as mulheres se comportam no papel de escritora, como elas descrevem seus personagens, trabalham os temas escolhidos, escolhem os gêneros e estruturas. É através dessa linha de análise que podemos resgatar e explorar obras de mulheres, observando seus papéis como sujeitos ativos de suas próprias histórias, mostrando assim outra forma de ler o mundo. Essa linha de pesquisa nos permite analisar quem escreveu, como foi escrito e de onde foi escrito, já que nenhuma obra de arte é feita isolada ou sem contexto.

Portanto, para analisar obras de escritoras negras é preciso levar em consideração que estas enfrentaram e ainda enfrentam muitas dificuldades na luta por seus direitos, porque foram excluídas da luta contra o racismo, que não se trata de um preconceito, mas de uma estrutura, ou seja, “algumas pessoas pensam que ser racista é somente matar, destratar com gravidade uma pessoa negra. Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele” (RIBEIRO, 2018, p. 39) e também da luta pelos direitos civis dos negros, que só levavam em consideração os problemas enfrentados pelos homens negros, estabelecendo um patriarcalismo negro, diminuindo os sofrimentos as causas e a participação das mulheres negras no movimento. O movimento feminista também deixou as mulheres negras à margem, pois fundou-se com a pauta da mulher branca, que cobrava o direito de trabalhar, igualdade de salários, liberdade sexual e, principalmente, dos papéis de gênero que as definiam como pessoas domésticas, frágeis destinadas a serem mães, questões essas que não faziam/fazem parte do universo das mulheres negras.

Como observou Sojourner Truth (1851), nascida acorrentada ao escravismo, tornou-se pioneira do feminismo negro ao dizer que ninguém a ajudava descer de uma carruagem, ou seja, não a consideravam frágil, que teve 13 filhos e não pôde ficar com nenhum, fazendo refletir sobre a maternidade compulsória. Com essas denúncias, Truth mostrou que as mulheres não são um grupo homogêneo. “Enquanto as mulheres brancas têm medo de que seus filhos possam crescer e serem cooptados pelo patriarcado, as

mulheres negras temem enterrar seus filhos vitimados pelas necropolíticas” (AKOTIRENE, 2019, p. 16).

Sabendo disso, podemos compreender que o feminismo negro, luta por questões específicas da mulher negra, mas isso não quer dizer que seja oposto ao movimento feminista, e como cita Djamila Ribeiro (*apud* AKOTIRENE, 2019, p.11)) ainda é muito comum se dizer que o feminismo negro traz cisões ou separações, quando é justamente o contrário. Ao nomear as opressões de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões. Ou seja, ao considerar que gênero, raça e classe estão interligados, contribui para diminuir uma cisão que foi criada pela sociedade desigual. Pois, não é possível lutar contra uma opressão alimentando outra. Os contos de Chimamanda, por sua vez, oferecem reflexões sobre colonialismo, gênero, raça e classe e, apesar de nos atentarmos à representação feminina, abordaremos esses problemas de forma interseccional, como cita Akotirene (2019):

O termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras (AKOTIRENE, 2019, p.35).

Portanto, buscamos perceber nos contos, como as situações enfrentadas pelas protagonistas, são constituídas ou agravadas pelo fato de serem mulheres e negras, quais são os sistemas de opressão que fazem parte da vida dessas mulheres, como eles fazem parte de uma estrutura “aceita”, naturalizada e, principalmente, observar a postura que as personagens tomam a partir dessas opressões.

4 UMA ANÁLISE DOS CONTOS “OS CASAMENTEIROS” E “NO SEU PESCOÇO”

O conto “Os casamenteiros” narra a história de uma moça que tem um casamento arranjado com um homem da Nigéria, mas que mora a 11 anos em Nova York. Apesar dos tios da moça compararem o casamento com um médico que mora na América (do norte) com ganhar na loteria, Chinaza não pensava o mesmo, mas casou para não contrariar o casal. Quando chegou na casa do marido, percebeu que a vida na América não era como as pessoas costumam imaginar: o rapaz, que ainda era residente e não médico, não tinha uma casa grande, não tinha dinheiro, o carro era ruim, ou seja, a ideia que os nigerianos tinham de prosperidade do “sonho americano” não é a única realidade. Apesar disso, a pior parte foi encontrar um marido que a anulava, pois, como já havia sucumbido a ideia de que os americanos eram “superiores”, isso a obrigava a renegar suas origens e assumir a identidade americana, assim como ele havia feito.

O conto é narrado em primeira pessoa, o que mostra os pensamentos íntimos da personagem, suas primeiras observações foram sobre o lugar, onde eles iam morar, que em nada se parecia com as casas que eram mostradas nos filmes americanos e que fazem parte do imaginário dos moradores de Lagos, cidade natal da personagem. Isso pode ser observado no trecho: “[...] na sala de estar, onde havia apenas um sofá bege, bem no meio, torto, como se tivesse sido jogado lá por acidente. Fazia calor, o ar estava pesado, com

um cheiro de bolor antigo” (ADICHIE, 2017, p. 2475-2477)³. Ou seja, o lugar, que ela não considerou chamar de casa, era desconfortável, algo a que a fazia se sentir mal.

Podemos perceber ainda que no início do conto a narradora relata um episódio de racismo estrutural, que acontece de forma subliminar, quando no aeroporto a agente americana da alfândega mexia e remexia na mala, examinando os alimentos tragos pela personagem como se fossem aranhas, ou seja, com uma mistura de medo e nojo. Isto revela um racismo velado, que faz parte das estruturas de poder.

Os dedos enluvados cutucando as sacolas impermeáveis de egusi moído, folhas de enugbu secas sementes de uziza, até confiscar as sementes, teve medo de que eu fosse plantá-las em solo americano. Não importava que as sementes houvessem passado semanas secando ao sol e fossem tão duras quanto um capacete de bicicleta (ADICHIE, 2017, p. 2485).

Ou seja, esse trecho revela que além do preconceito em ser tratada como perigosa, ou como ruim, essa desconfiança é uma característica do racismo estrutural, pois, como afirma Morrison (2019) no livro *A origem dos outros*, existe uma tendência em separar aqueles que não pertencem a nosso clã e julga-los como inimigos que necessitam ser controlados. Portanto, o trecho destaca o “medo” que a agente teve do “outro”, de que a cultura do oprimido se instaure entre os opressores.

Em seguida, a narradora demonstra sua insatisfação de ter um casamento arranjado, pois os “casamenteiros” não se importam com os detalhes íntimos como roncos, beijos ruins, ou com a falta de consideração na hora do sexo, nem mesmo o fato de o marido não ter condições financeiras. Nesse conto, a escritora faz uma crítica a forma como o casamento é colocado para as mulheres, sendo retratado como o único e mais importante destino. Através das falas dos tios, podemos perceber como esse pensamento é imposto, pois só falavam da perfeição do marido que tinham encontrado e da sorte que ela teve por ter sido escolhida. Os tios se vangloriavam porque, além de tela criado como filha, ainda tinha lhe arranjado um marido “É como se tivéssemos ganhado na loteria por você” (ADICHIE, 2017, p. 2518).

Agradei aos dois por tudo - me arrumar um marido ter me recebido em sua casa, me comprar um sapato novo a cada dois anos, era única maneira de não ser chamada de ingrata, não lembrei a eles que queria fazer o exame nacional de admissão de novo e tentar entrar numa universidade, que enquanto estava no ensino médio, graças a mim a padaria da tia Ada vendera mais (...) que os móveis e assoalhos da casa brilhavam por minha causa (ADICHIE, 2017, p. 2519-2520).

Percebemos, pelo comentário da personagem, que ela não via aquele casamento como uma salvação, ou única opção. Também não considerava que fosse necessário mostrar gratidão, coisa que ela sempre havia feito. Contudo, ninguém enxergava o que ela fazia, também não perguntaram se ela queria esse casamento, pois consideraram óbvio que todas as mulheres sonhavam com isso “você sabe quantas mulheres dariam os olhos

³ O livro foi lido na versão digital. Assim, a paginação se refere a posição do texto dentro do seu arquivo digital, que também é uma referência fixa. Fica aqui acordado, então, essa diferença.

da cara por um médico dos Estados Unidos? Por qualquer marido?” (ADICHIE, 2017, p. 2753).

Ela, como mulher, como órfã, não tinha direito a voz, tinha seus pensamentos e desejos ignorados. “Eu sabia que o tio Ike e a tia Ada seriam calorosos, que perguntariam o que eu tinha comido ou como estava o tempo, mas nenhuma das minhas respostas seria registrada, eles perguntariam por perguntar” (ADICHIE, 2017, p. 2507-2508). Essa opressão continuou durante o casamento, pois, o marido a obrigava, de forma “carinhosa” e “subjéitiva”, a deixar sua identidade, cultura e tudo que a constituía como mulher nigeriana.

Seu marido Ofidale, que preferia ser chamado de Dave Bell, justificando que precisava trocar de nome para que os americanos não sentissem dificuldade para pronunciar. No entanto, o nome e sobrenome adotado por ele não tinha nenhuma relação com seu sobrenome original, o que revela que ele escolheu um nome comum entre os americanos para ser mais aceito e negar seus traços africanos. “Se você quiser chegar a algum lugar, tem que ser o mais normal possível” (ADICHIE, 2017, p. 2560). E, utilizando sempre isso como justificativa, passou a impor que Chinaza utilizasse o nome Agatha Bell, que não falasse em hipótese alguma sua língua nativa e que não cultivasse nenhum hábito da cultura africana.

A atmosfera do conto, cria o sentimento de deslocamento e o desconforto em ter que assumir uma identidade que não desejava. Todavia, estava sozinha, completamente dependente de um homem que ela não gostava, em um lugar que não a acolhia. A personagem tentava se conectar às suas raízes e manter sua cultura, falando sua língua quando estava sozinha, ou cozinhando algo típico de seu país, mas foi interrompida pelo marido que, apesar de ter gostado da comida, a presenteou com um livro de receitas americanas. Havia uma ansiedade exagerada do marido de mostrar a superioridade do “civilizado” povo americano, levando-a ao shopping, mostrando-a coisas típicas, exagerando nos “r”s e não pronunciando os “t”s.

Outra personagem feminina e importante no conto é Nia, mulher negra americana, que havia escolhido usar um nome Africano. Nia é descrita por Chinaza, como uma mulher que a tia não aprovaria por usar roupas transparentes, maquiagem forte e uma linguagem considerada inapropriada para uma mulher, isso mostra o pensamento conservador de que as mulheres ainda são classificadas por esse tipo de coisa. Entretanto, Adichie não representa essa mulher apenas como a mulher “fácil”, como a literatura costuma representar, mas mostra sua pluralidade, como mulher trabalhadora e independente, que demonstra dororidade⁴ em relação a Chinaza. Oferece a ela um emprego, apoio e a possibilidade de Chinaza ser ela mesma.

A oferta de emprego – “a súbita nova ideia, de ganhar algo meu” (ADICHIE, 2017, p. 2699) – a animou, talvez por indicar que com um emprego ela teria maior autonomia e possuiria algo próprio, que não tivesse sido dado pelo marido. Porém, ao questionar Ofidale sobre o visto de trabalho, pois era ele quem cuidava dessas questões, descobriu que ele já havia sido casado para obter o *green card* e que por causa desse casamento, seu

⁴ Termo cunhado por Vilma Piedade, que indica que a união das mulheres negras se dá pela Dor.

visto teria dado problema. Chinaza ficou com raiva por ele ter omitido essa informação antes do casamento.

Colocada mais uma vez no local de inferioridade, ele respondeu que não faria diferença, visto que ela não tinha outra opção, caso ele não tivesse aparecido. Quando questionado sobre o motivo de tê-la “escolhido”, os argumentos de Ofidale foram “minha mãe disse que você era uma menina boa, tranquila. Disse que talvez fosse até virgem. Eu provavelmente devia contar a ela que estava muito enganada [...] fiquei feliz quando vi sua foto você tinha a pele clara. Eu tinha que pensar na aparência dos meus filhos” (ADICHIE, 2017, p. 2743). Podemos perceber que há uma valorização da mulher calma, submissa, casta e também uma tentativa de branquear sua prole, para fazê-los se encaixar melhor na sociedade.

Chinaza decidiu ir embora para a casa de sua amiga Nia, porém sabia que não receberia nenhum apoio familiar, por ter deixado o marido, não tinha visto para trabalho, nenhuma outra forma de se prover. Nia sugeriu que ela aguentasse aquela relação por um tempo, que se estabilizasse e depois buscasse independência financeira, o que a protagonista concordou dizendo que “ela estava certa, eu não podia ir embora por enquanto” (ADICHIE, 2017, p. 2775). Mais uma vez a escritora demonstra a dificuldade que uma mulher enfrenta para se divorciar. O conto termina com Chinaza entrando na casa de Ofidale, deixando em aberto o que iria acontecer depois.

O segundo conto analisado, que dá nome ao livro, possui um narrador em segunda pessoa, que busca evidenciar a proximidade com a personagem principal, Akunna, denominada sempre como “você”, e também com o leitor. O conto narra a história de uma imigrante, que vem de uma família pobre em Lagos (Nigéria), mas que vai morar nos EUA, buscando ascender socialmente, abrigada na casa de um “tio”. Ao ser assediada por ele, a personagem foge e vai morar sozinha, trabalhando em um restaurante, se apaixona por um rapaz branco e rico, porém, as vivências dos dois são muito diferentes: enquanto ele tem o poder de escolha, ela precisa lidar com o que a vida oferece. Não existe um herói branco para roubar seu protagonismo. A personagem passa por vários episódios de racismo, reflete sobre diversas situações enfrentadas por ela, ao final recebe uma carta de sua mãe avisando que seu pai havia falecido. A moça decide voltar para a Nigéria, sozinha com passagens compradas por ela mesma, não sinalizando se iria voltar para o rapaz.

Assim como no conto anterior, a escritora inicia chamando a atenção para a ideia criada em torno dos Estados Unidos: “Logo depois de você ganhar a loteria do visto americano, eles lhe disseram: daqui a um mês, você vai ter um carro grande. Logo, uma casa grande” (ADICHIE, 2017, p. 1682-1683), bastando a ela simplesmente se esforçar para alcançar tais objetivos. Entretanto, morando há algumas semanas na nova terra, Akunna percebe que prosperar não cabe apenas a seu esforço e que também existe desigualdade no país. Como é possível ver: “[...] americanos ricos eram magros e os pobres, gordos, e que muitos não tinham uma casa e um carro grandes” (ADICHIE, 2017, p. 1738-1739).

Na casa do “tio” que na verdade era irmão do marido da irmã de seu pai, foi bem recebida, foi matriculada numa faculdade comunitária onde surgiram perguntas que, de acordo com o “tio”, já eram esperadas: uma mistura de ignorância e arrogância, como no exemplo, “Onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África

e se você já tinha visto um carro antes de vir aos estados unidos. [...] seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas” (ADICHIE, 2017, p. 1739). As perguntas feitas pelos americanos marcavam, primeiramente, a ignorância de conhecer o continente africano apenas de forma estereotipada, e arrogância por demonstrar nas perguntas uma hierarquia, onde a América do Norte como um lugar desenvolvido e a África como um lugar não-civilizado.

Apesar desse preconceito, Akunna estava se sentindo bem até que seu “tio” entrou no porão em que ela dormia, puxou-a para perto dele, apertou-a. Mas ela conseguiu empurrá-lo para longe, “ele se sentou na sua cama - a casa era dele, afinal de contas” (ADICHIE, 2017, p. 1740), o que mostrava que ele era detentor do poder, o dono da casa, e que, por isso, acreditava ter direito ao corpo dela. Segundo Ângela Davis (2016), o estupro institucionalizado de mulheres negras escravizadas era um método de terrorismo que tinha como objetivo desmoralizar e desumanizar as mulheres negras, que além de não poderem se defender, formavam um sistema no qual a mulher negra deveria pagar com o corpo, pela comida ou até mesmo para que os castigos fossem mais brandos.

Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York? (ADICHIE, 2017, p. 1708-1709).

No trecho acima, percebemos a opressão sexista que considera a intelectualidade feminina como inferior, desqualificando o profissionalismo das mulheres e afirmando o poder patriarcal, justificando que as mulheres só podem conseguir bons empregos se forem proporcionados por algum homem e que, para isso, elas precisam utilizar o próprio corpo como moeda de troca. Spivak (2010, p. 85) observa que “o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”, pois, além de não ter voz e não ter história – como o sujeito subalterno masculino – o feminino ainda sofre com o jugo da dominação masculina. Devido essa dupla opressão, as mulheres negras hoje ocupam a base da pirâmide da escala social, são as que têm menos/menores salários e sofrem mais violência.

Akunna se esconde no banheiro e foge na manhã seguinte, vai até o último ponto de ônibus, que fica na cidade de Connecticut, adentra um restaurante e pede emprego, aceitando trabalhar por um dólar a menos que as outras garçonetes. Ser uma mulher, negra, imigrante e sozinha a faz aceitar essas condições de trabalho. Porém, fazer faculdade não era mais uma opção viável, já que tinha que pagar o aluguel, enviar dinheiro para a família e, como a cidade não oferecia universidade comunitária, estudava apenas procurando as bibliografias das aulas na internet e lendo os livros na biblioteca.

O fato de ter os sonhos interrompidos por ser mulher, visto que se fosse um homem dificilmente teria tido que sair por conta de assédio e o fato de não conseguir ter a vida que todos esperavam que ela tivesse a deixava com sentimento de culpa de vazio, além da angústia, da sensação de não pertencimento, o fato de ser uma mulher, imigrante e negra, em um contexto que ainda a faz vítima de diversas discriminações nessas esferas é o que a sufoca.

Ninguém sabia onde você estava, pois você não contou. Às vezes, você se sentia invisível e tentava atravessar a parede entre o seu quarto e o corredor e, quando batia na parede, ficava com manchas roxas nos braços [...]. À noite, algo se enroscava no seu pescoço, algo que por muito pouco não lhe sufocava antes de você cair no sono (ADICHIE, 2017, p. 129).

Trabalhando no restaurante, mais uma vez teve contato com pessoas e com perguntas que a deixavam desconfortáveis, até que um cliente chamou atenção por ter conhecimento sobre a cultura, costumes e cidades do seu país de origem. Percebeu que o rapaz não tinha um ar superior como as outras pessoas e, apesar de tentar evitá-lo no início, acabou se apaixonando. Porém, ao conhecê-lo melhor percebeu que a visão do rapaz ainda era limitada “tinha ido a Mumbai e agora queria ir a Lagos, para ver como as pessoas de verdade viviam, tipo nas favelas, pois, nunca fazia aquelas coisas bobas de turista quando viajava” (ADICHIE, 2017, p. 1761-1762).

Porém, Akunna afirma que ele está errado em dizer que só os indianos pobres eram indianos, o que nos faz perceber o posicionamento crítico da escritora em retratar apenas uma vertente e ignorar a pluralidade dos locais, as diferenças entre o casal ia se revelando e ficando cada vez maiores. “Não sabia que pessoas podiam simplesmente escolher não estudar, que as pessoas podiam mandar na vida. Você estava acostumada a aceitar o que a vida dava” (ADICHIE, 2017, p. 1762). Ele podia fazer escolhas, devido a sua posição social, enquanto ela teria que viver com as imposições que a vida proporcionava, e que devido as dificuldades que ela enfrentava não considerava que os “problemas” do rapaz fossem importantes, sofrer todos sofrem, faz parte da condição humana, mas opressão é quando um grupo detém privilégios em detrimento de outro” (RIBEIRO, 2018, p. 42).

Além dessas dificuldades no relacionamento, ela percebia que as pessoas consideravam anormais que um homem branco, de classe social elevada a namorasse “Os que eram grosseiros eram grosseiros demais e os que eram simpáticos eram simpáticos demais [...] como se quisessem mostrar para se próprios que eram mente aberta” (ADICHIE, 2017, p. 1764). Outra cena de racista acontece em um restaurante que os dois iam com frequência, se beijavam e demonstrava carinho, entretanto o garçom presumiu que era impossível que Akunna fosse namorada dele, o rapaz não viu problema no “erro” do garçom, pois essas formas de discriminação aparentemente inofensivas são tratadas como “naturais”.

Ao final, Akunna decide voltar para Lagos, mas não aceita que ele vá com ela, ou que pague pelas passagens, o que demonstra que a figura masculina não apareceu para salvá-la, como acontece geralmente nas histórias de amor, ela é capaz de salvar-se, seu destino ainda está em aberto, sendo construído, não sabemos se ela voltará para os EUA e para ele, mas sabemos que ela é protagonista da própria história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, fizemos uma apresentação da escritora, informando uma ligeira biografia e obras publicadas. Em seguida, trabalhamos o conceito de crítica literária feminista, levando em consideração as teóricas negras. Por fim, iniciamos a análise dos dois contos propostos enfatizando a representação feminina.

Com a feitura desse trabalho foi possível concluir que os textos de Chimamanda nos permite conhecer a África com sua heterogeneidade, contribuindo assim para a quebra do estigma produzido por uma história única, visão eurocentrada que aprisiona o continente ao retrato de pobreza, fome e miséria. Ela aborda esses temas, mas também explora as outras vertentes do continente, também oferece essa visão diferenciada no que diz respeito a figura feminina, que são em sua maioria protagonistas dos contos.

Adichie traz reflexões sobre o que é ser mulher na Nigéria, valorizando sua cultura, mas não deixando de lado a tradição patriarcal, e a opressão vivenciadas pelas mulheres negras. Os dois contos mostram a pluralidade de personagens femininos, mulheres fortes, decididas e críticas que refletem e questionam sua condição feminina. Os sentimentos, as angústias e os sofrimentos das personagens são bastante exploradas, mas isso não as transformam em personagens frágeis, pelo contrário, ao conhecer seus anseios e incertezas nos aproxima ao sentimento sugerido pelo próprio título do livro, existe algo que nos sufoca, que incomoda que desestabiliza.

Por fim, podemos concluir que a literatura produzida por Adichie suscita a reflexão sobre o racismo estrutural ao questionar e explorar situações comuns e cotidianas que geralmente apresentam o racismo de forma naturalizada. Dessa forma, os contos além de valorizarem a cultura africana, fornecem representatividade cultural e identitária contribuindo assim para a luta antirracista por meio dessa arma tão potente que é a literatura.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **No seu pescoço**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, C. N. **The danger of a single story**. Miniconferência promovida pela Technology, Entertainment, Design (TED), jul. 2009. Vídeo 19 min. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ADICHIE, C. N. **We should Always be feminist**. Miniconferência promovida pela Technology, Entertainment, Design (TED), jul. 2012. Vídeo 30 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc>. Acesso em: 10 jul. 2020.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

MORRISON, T. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre o racismo e literatura. Trad. Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. *In*: HOLLANDA, H. B. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da Cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SOJOURNER, T. **E não sou uma mulher?** – Sojourner Truth. Tradução de Osmundo Pinho, *Geledés*, 8 jan. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enaosou-uma-mulher-sojourner-truth>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VASCONCELOS, V. **No colo das iabás**: maternidade, raça e gênero em escritoras afro-brasileiras. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.

ZOLIN, L. O. A Crítica feminista. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (ORG.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

Recebido em: 07/08/2020

Aprovado em: 20/10/2020

Publicado em: 31/12/2020